

## Mulheres e escrita na literatura em língua portuguesa

Antônia Rosa Almeida<sup>a</sup>, João Rodrigues<sup>b</sup>, Levi Leonido<sup>c</sup>, Elsa Morgado<sup>d</sup>

<sup>a</sup>Escola Estadual José Brígido Pereira Pedras, Minas Gerais, Brasil, [antoniariosa545@yahoo.com.br](mailto:antoniariosa545@yahoo.com.br),

<sup>b</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, [jbarto@utad.pt](mailto:jbarto@utad.pt), <sup>c</sup>CITAR-Universidade Católica Portuguesa, Porto, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, [levileon@utad.pt](mailto:levileon@utad.pt), Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Braga, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, [elsa.morgado@ipb.pt](mailto:elsa.morgado@ipb.pt).

---

### Resumo

*Em que contexto as mulheres estão inseridas na literatura? Compreender a expressão de necessidade de instrução diante do valor da literatura, em fazer criar as relações oriundas da sociedade, sobre o papel de cada um e as novas influências da escrita na trajetória das mulheres na sociedade, em busca do seu significado na ficção e as novas influências dentro do que determina a construção da cidadania, demonstra que é necessário uma reflexão maior na oralidade em tempo e espaço de várias vozes que constroem um novo espaço chamando o indivíduo para uma preocupação com o ser humano, no que se refere a coletividade. Diante dessa perspectiva, a escrita feminina faz um itinerário entre as ações e o discurso da sociedade no propósito de revitalizar a imensidão de fatores históricos que de acordo com o tempo faz uma ligação social aproximando as pessoas. No entanto, o feminismo na literatura se dá na diferença que apresenta ações com experiências próprias que permitem a interação no contexto social e representativo da história. A sapiência das mulheres vai além de ser dona de casa, dos afazeres domésticos, na educação dos filhos, nos cuidados com o marido. Através da literatura a mulher se coloca na sociedade com a produção de um trabalho para garantir a sua independência económica.*

**Palavras-chave:** Sociedade, mulheres, literatura, discurso.



## **Introdução**

A literatura permite uma troca de informações consubstanciadas nos princípios assimilados pela integridade do texto e em suas informações visíveis, no qual o leitor possa reconhecer e associar a escrita de palavras aos seus significados e não venha a se arrefecer de discussão de uma leitura literária.

Sendo que, a interação entre os aspectos linguísticos e a leitura no cenário da criação valorize a cultura como representação ideológica, sobre o princípio de liberdade, é necessário continuar a experimentar a literatura feminina e se aprimorar no fio do texto. Naturalmente, que a escrita feminina coexiste no mundo e faz relevância no desenvolvimento do texto, diante das peripécias da escrita em conformidade com as causas sociais e as comparações com as oportunidades propiciadas pela literatura: “a base sólida em termos formativos e culturais assume-se com um aspecto decisivo no que concerne à interpretação dos desafios da sociedade, da sua compreensão e da eventual resolução dos problemas deles decorrentes” (Almeida, Rodrigues, Silva & Morgado, 2020, p.82).

Face à multiplicidade de possibilidades que se oferecem e, perante a multidimensionalidade do ser humano, as mudanças e transformações que ocorrem na sociedade estabelecem um conjunto de relações com a a cultura, criando oportunidades à literatura feminina, em seu feito maior ao que concerne a leitura, a escrita e a criação para a sua aplicabilidade social e para a construção da cidadania, aprofunda na operação mental mais reflexiva entre o discurso e os critérios normativos na busca de um novo leitor.

### **1. A escrita feminina**

A inspiração feminina projeta-se no processo de um novo mundo, capaz de questionar as concepções existenciais, marcando um salto significativo no desenvolvimento na literatura. Urge tomar consciência de que frequentemente a história se repete e que entre o questionamento artesanal sobre a escrita feminina e a influência desta na evolução do pensamento humano há um conjunto de relações que só à distância podem ser apreendidas .

Antoine Compagnon (2009) esclareceu que a literatura confere um significado ao mundo atual e tal propriedade resulta do fato dela estar sempre viva. E, nesta ótica, o discurso feminino diante de qualquer circunstância deverá ser justificado numa conexão com as suas lutas no decorrer da construção de sua identidade, em relação ao saber pelas características em que, todo o processo da escrita será sempre um discurso do poder da criação, revelador das concepções sociais, económicas, políticas e determinantes na sociedade para promover a informação e o desenvolvimento do ser humano em todos os percursos da vida. Neste contexto, Almeida e outros esclarecem que “os estudos culturais têm como um dos princípios

fundamentais reconstituir a tradição de um povo, com questionamentos capazes de compreender fatores sociais. A fim de que os fluxos comportamentais se revigorem e possam contribuir com o desenvolvimento planetário, a cada passo da história (...)” (Almeida, Morgado, Silva, & Rodrigues, 2018, p. 451).

Ao longo da história, a escrita feminina sempre teve um papel marcante no mundo da ficção, no entanto passou por um grande estágio marcado pelo anonimato, um longo período em que a escrita feminina permaneceu silenciosa na sombra do esquecimento. A história se completa pelo passado feminino, com a saga das mulheres, em sua totalidade, que enfrentaram preconceitos e *tabus*. No Brasil, em 1808, com a chegada da Família Real, segundo Del Priore e Bassanezi (2004), o livro também chegava na cidade do Rio de Janeiro, com um novo público leitor: os estudantes e as mulheres. Sendo assim, começaram a surgir as inspirações femininas, com questionamentos em relação aos fatores sociais, às injustiças, à escravidão, aos direitos da mulher e à sua emancipação.

A escrita feminina afirma-se nas iniciativas da procura da identidade social para reformular o papel de cada um frente às barreiras do preconceito e da discriminação. “Apenas em meados do século XIX começam a surgir os primeiros jornais dirigidos por mulheres. Os críticos chegam junto, considerando-a desde sempre uma imprensa secundária, inconsistente e supérflua, pois destinava-se ao segundo sexo...” (Duarte, 2003, p. 155).

Estes fatos, peças fundamentais da história de um país que busca a sua identidade em pleno século XIX, serão decisivos para a afirmação da literatura feminina no Brasil, que de acordo com Del Priore e Bassanezi (2004), referem como marco primordial o primeiro romance de uma autora brasileira, Maria Firmina dos Reis, intitulado *Úrsula*. Uma narrativa de amor, de vida dos escravos, sofrimento e morte. Então, cada um dos fatos age historicamente nas relações sociais no mundo inteiro. Um dado considerável destes fatos onde está inserido é o crescente nível de consciência, de Maria Firmina, em relação à questão do negro, em seu romance. Neste sentido, a escrita feminina constitui um esforço de integração entre o que representa a igualdade de gênero e a multiplicidade de valores, nas questões sociais vividas por homens e mulheres, revelando assim uma nova história.

Portanto, ao conscientizarmos que há diferenças entre a prática da escrita e a ótica de cada um em relação aos valores, aspirações e práticas sociais concretas, compreenderemos a representação social com a história. Quando se olha para a literatura feminina, confrontamos-nos com as barreiras que, de certa forma, bifurcam-se entre o pragmático e as veleidades humanas. Nesta definição, Todorov (2009), lembra-nos que a literatura nos ajuda a viver, no que se refere a construção da cidadania, na intencionalidade das possíveis respostas para o amplo significado do que é a vida e no papel representativo da sociedade, como ideologia e conscientização do indivíduo em seu contexto histórico.



## 1.1 As mulheres na literatura

Dumont e Santo (2007, p. 31) salientam que “A Igreja Católica dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, incentivava-as a ler, mas condenava-as a não escrever, acreditando assim impedi-las de se expressarem livremente. Afinal, o papel que lhes cabia na sociedade era de mantenedoras da moral e dos bons costumes e não de criadoras e difusoras de novas idéias”.

De acordo com Del Priore e Bassanezi (2004), o século XIX apresentou a grande vertente para a literatura feminina e, que além de Maria Firmina dos Reis, também outra mulher se consagrou na escrita, a então Nísia Floresta Brasileira Augusta, que a partir das idéias européias passou a divulgar as causas republicanas e abolicionistas no Brasil, quando em 1832, o livro da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, *Vindications for the rights of Woman*, foi traduzido por ela. Segundo ainda Del Priore e Bassanezi (2004), Nísia foi um marco muito importante para a literatura feminina e foi apreciada por grandes nomes, como o escritor português Alexandre Herculano e o sociólogo francês, Augusto Comte. Neste sentido, há uma significativa participação de mulheres na literatura brasileira, com nomes de grande relevância como, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Rachel de Queiroz, Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga, Hilda Hilst, Cora Coralina, Zélia Gattai, entre outras, que através da escrita se fizeram questionadoras das concepções existenciais e cuja aplicabilidade mostra a substantividade dos termos sociais, em tempo e espaço determinados.

A literatura feminina sintoniza as transformações sociais, culturais e políticas num mundo em processo acelerado e marcado pela diversidade. Sendo assim, as mulheres, enquanto autoras, no fio do texto, potencializam situações, tornam-se fontes significativas de conhecimento de um sociedade em constante mudança. Todavia, o universo feminino, no aspecto do agir e do pensar, mudou e continua mudando a história de um povo. Mudanças, transformações sempre existiram e também foram representadas.

A escrita feminina se enquadra na premissa da consciência das pessoas no processo de mudança diante da realidade vivida por um povo. Assim sendo, as mulheres na literatura abrem um leque de informação na vida das pessoas também e, de alguma forma, participam historicamente na construção de um novo edifício axiológico, ancorado nos direitos do homem todo e de todo o homem.

Portanto, as mulheres na literatura representam a disponibilidade de comunicação, de informação, visando a possibilidade de um novo caminho para a compreensão da sociedade. A literatura feminina mobiliza nossa própria consciência exposta ao público diante das adversidades da vida. Hoje, as mulheres intensificam a representação das lutas sociais, o



caminhar de cada causa, o resgate da vida oculta, que durante longos anos, as mulheres viveram.

## Considerações finais

As mulheres na literatura contribuíram para uma nova reflexão na construção da história, nas múltiplas relações no campo social, considerando os valores inerentes de cada indivíduo na sociedade: “fluentemente as questões humanitárias também se organizam através da educação e se constituem nas manifestações culturais entre as minorias” (Almeida, Rodrigues, Silva, & Morgado, 2020, p. 83).

É evidente que as mudanças sociais, ao longo dos tempos, potencializaram as possibilidades que a literatura afeta ou pode afetar a vida das pessoas e, que as mulheres passaram a buscar na escrita um diálogo maior com as aspirações que o mundo oferece, no propósito de cada um na vida e a participação de todos na sociedade como forma de interagir com o universo, no espaço ocupado por homens e mulheres na igualdade social, tendo como referência a construção da cidadania, no que foi antes na história e o que a história ainda poderá oferecer. No que concerne às mulheres, estas passaram a buscar na escrita um diálogo maior, conforme as aspirações que o talento lhes concede. Pela escrita, toda a mulher se sente convidada a participar no banquete da vida, com o propósito de continuar a Criação superior, a do reino espiritual: é ela quem “cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da humanidade” (Queirós, 1988, p. 366).

## Referências

- Almeida, A. R., Morgado, E. M. G., Silva, L. L. F., & Rodrigues, J. B. (2018). A Igualdade de Género na obra cívica e literária da Pedagoga Francisca Senhorinha. In M. Alcántara, M. G. Monteiro, & F. S. López (Coords.), *Estudios de Género – Memoria del 56º Congreso Internacional de Americanistas* (pp. 450-456). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. doi: 10.14201/oAQo251-9
- Almeida, A. R., Rodrigues, J. B., Silva, L. L. F., & Morgado, E. M. G. (2020). Os Caminhos da Educação Feminina. *Br.J.Ed., Tech. Soc.*, 13(1), 79-84. doi:10.14571/brajets.v13.n1.79-84
- Chiappini, L., & Bresciani, M. S. (2002). *Literatura e Cultura no Brasil – Identidade e Fronteiras*. São Paulo: Cortez.
- Compagnon, A. (2009). *Literatura para quê?* (L. T. Brandini, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.



- Del Priore, M. (Org.), & Bassanezi, C. (Coord. de text.) (2004). *Histórias das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Duarte, C. L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estud. Av.*, 17(49), 151-172. doi:10.1590/S0103-40142003000300010
- Dumont, L. M. M., & Santo, P. E. (2007). Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. *Ciências & Cognição*, 10, 28-37.
- Queirós, E. (1988). Adão e Eva no Paraíso. In: *Obras Completas de Eça de Queiroz*. Braga: Resomnia Editores.
- Todorov, T. (2009). *A literatura em perigo* (C. Meira, Trad.). Rio de Janeiro: DIFEL.